

Roberto Manera

SANTOS DUMONT POR UM IGUAL

Entre os eventos programados para festejar o centenário do primeiro vôo do avião experimental 14-Bis, o pioneiro veículo mais pesado que o ar a decolar por seus próprios meios, voar por um curto período e pousar incólume – enfim, o primeiro avião da história humana –, um será particularmente interessante: a exposição Santos Dumont Designer montada por Guto Lacaz no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, com patrocínio da Aços Villares. A exposição abre para o público no dia 3 de maio e ficará aberta, de terças-feiras a domingos, até 2 de julho.

Para o artista plástico Guto Lacaz, o nome Santos Dumont sempre esteve ligado ao epíteto “Pai da Aviação” – o que quer que isso significasse para o menino que Guto era então. Há catorze anos, sua visão mudou completamente. O personagem insossamente apresentado nas aulas de história saltou das páginas do livro presenteado por um amigo com tal vigor, que cativou para sempre o artista. Sua inventividade, a coragem de tentar insistentemente mudar o mundo à sua volta, a originalidade que imprimia a suas criações devem ter casado perfeitamente com a conhecida inquietude do próprio Guto Lacaz, que sempre fez de suas exposições verdadeiros shows, cheios de humor, surpresas e sacadas tecnológicas.

“Tenho estudado a vida e a obra de Santos Dumont desde aquele tempo”, diz Guto. Ele chama atenção para a extensão da obra do mineiro que encantou Paris no fim do século 19 e início do século 20: “Foram mais de 22 projetos, só no ramo aeronáutico, em dez anos e ainda na juventude, entre os 25 e os 35 anos de idade. Cada um desses projetos impressiona pela ousadia tecnológica, a elegância do desenho, a inovação e o foco nos objetivos buscados”.

A exposição montada por Guto destacará marcos da obra aeronáutica de Alberto Santos Dumont, como o dirigível Nº 1, primeira aeronave a embarcar um motor a explosão; e o Nº 6, com o qual o Petit Santos, como era chamado nas rodas mundanas parisienses, ganhou, em 19 de outubro de 1901, o Prêmio Deutsch e, de quebra, comprovou definitivamente a dirigibilidade dos balões. Ele partiu

O dirigível Nº 6 completa a primeira perna do vôo que rendeu a Santos Dumont o Prêmio Deutsch, destinado a quem partisse de Saint Cloud, contornasse a torre Eiffel e voltasse ao ponto de partida em menos de 30 minutos



de Saint-Cloud, cruzou perpendicularmente o Bois de Boulogne, contornou a torre Eiffel no Campo de Marte e voltou ao ponto de partida em menos de trinta minutos, o prazo máximo definido pelo Aeroclube de Paris, organizador, e pelo rico magnata do petróleo Henri Deutsch de la Meurthe, patrocinador da corrida aérea.

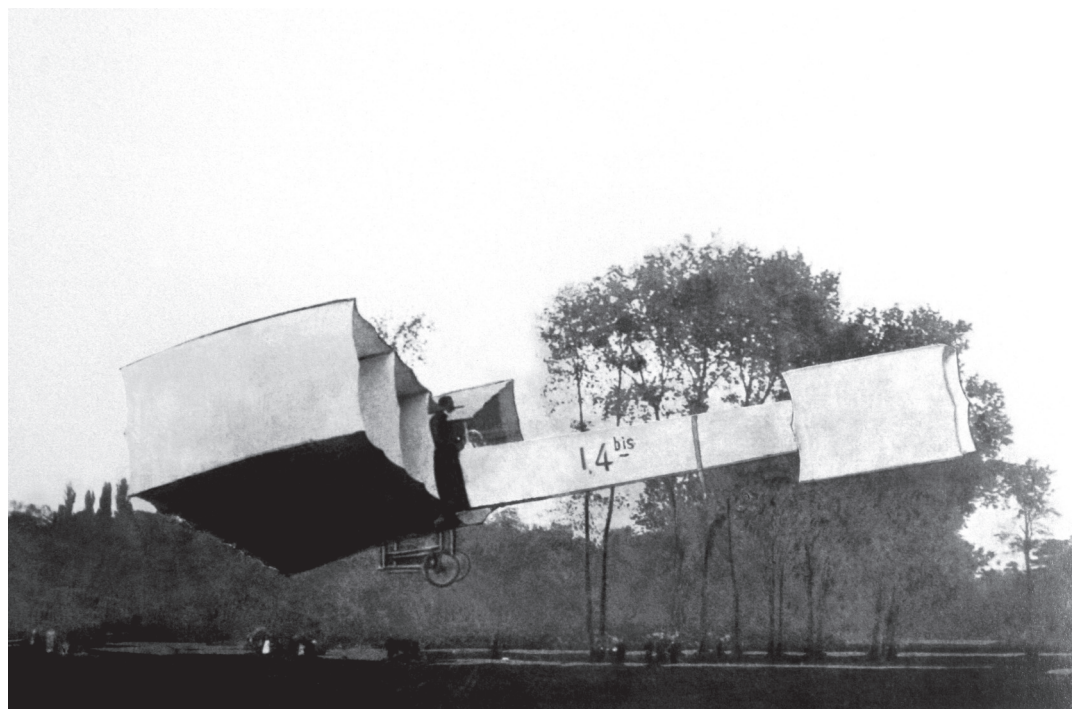
A mostra também destaca o dirigível Nº 9, a aeronave “de passeio” do brasileiro, apelidada por ele La Baladeuse e, segundo Lacaz, “um exemplo de síntese”, e, claro, os “mais pesados”; o 14-Bis, que em 12 de novembro de 1906, diante de centenas de testemunhas, decolou da relva do Campo de Bagatelle após breve corrida, por meio de seu próprio motor, voou 220 metros e voltou ao solo, pousando suavemente. A imprensa de Paris anunciou, no dia seguinte, “a conquista do espaço”. Embora pudesse parecer um exagero na ocasião, Ernest Archdeacon, patrocinador do prêmio que Santos Dumont ganhou naquela data, escreveu dias após o evento: “Foram apenas 220 metros, mas esses foram os mais difíceis”. Prevendo a seguir que o que ele chamava de “a questão”, e que nada menos era do que a aviação, passaria, a partir daí, a caminhar “em passos largos”.

Para lembrar os vôos vencedores de Santos Dumont, Guto Lacaz vai montar, utilizando os 40 metros de comprimento do jardim do Museu da Casa Brasileira, uma instalação com o percurso, em escala, das aeronaves utilizadas pelo brasileiro. Haverá um modelo em escala inédito do primeiro experimento do jovem Alberto – um triciclo motorizado suspenso por três cordas presas ao galho de uma árvore para provar se o artefato poderia ser utilizado em um dirigível.

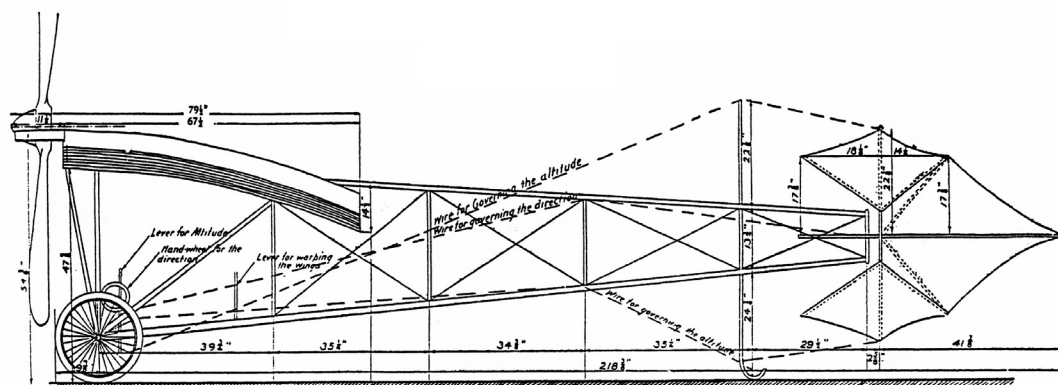
No interior de dois túneis de vento construídos por Fernando Catalano, da USP de São Carlos, SP, voarão as maquetes do 14-Bis e do Demoiselle, o avião pessoal de Santos Dumont, e o primeiro veículo com as formas que têm até hoje os aviões de todos os modelos, com asa, empenagem (conjunto de lemes da cauda) e habitáculo do piloto. Uma nuvem de 160 modelos em acetato do Demoiselle sobrevoará os diferentes espaços da exposição. O aviãozinho é considerado por Guto Lacaz o mais genial dos projetos do irrequeto inventor brasileiro, mas a exposição também valoriza sobremaneira alguns de seus desenhos para objetos e instalações de uso pessoal, como mobiliário, hangar, mesa de trabalho, o famoso relógio de pulso fabricado por Cartier e a Encantada – casa de madeira de Santos Dumont em Petrópolis, na serra fluminense, cujo projeto, segundo Guto, é “uma antevisão do que viria a ser um moderno loft”, sem paredes internas e com os próprios móveis formando ambientes diferentes, agrupados nos vértices da planta.

Na entrada do museu, abrindo a mostra, uma obra que retrata um antecessor de Santos Dumont. O quadro em que o padre Bartolomeu de Gusmão, também brasileiro, mostra à corte de dom João V o primeiro balão de ar quente – trezentos anos antes do nascimento do mineiro que conquistou o céu. 🏠

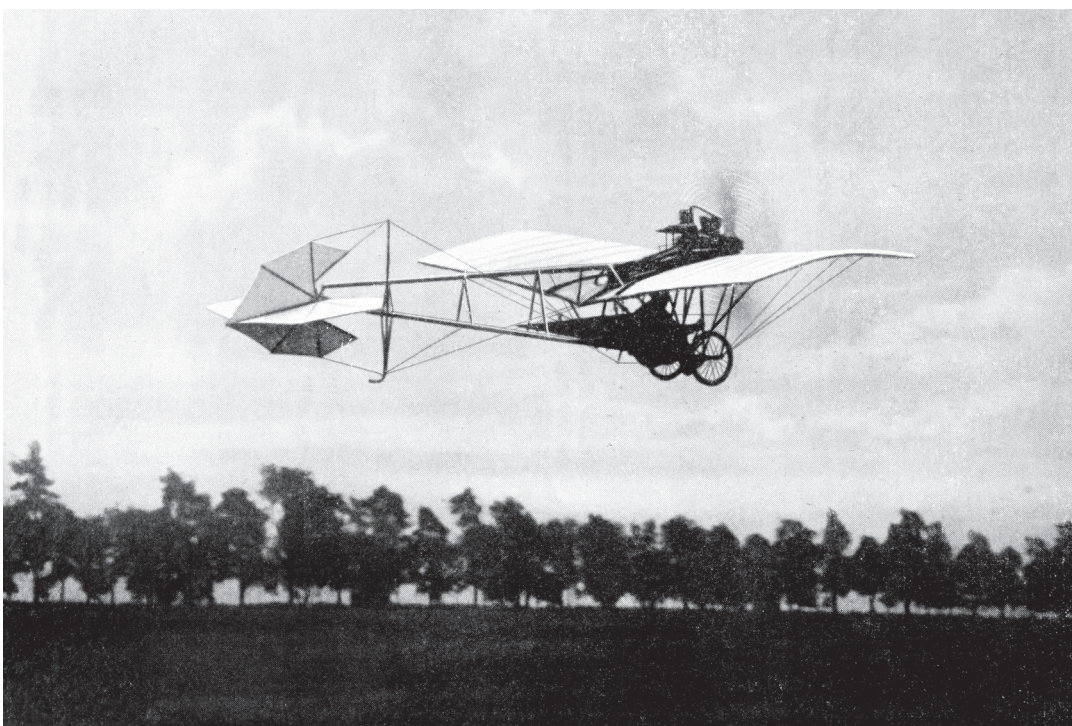
Roberta Manera é jornalista.



O primeiro vôo do 14bis, em 23 de outubro de 1906, percorreu 60 metros, os mais importantes da história da aviação



Projeto do Demoiselle, o primeiro veículo com a aparência dos aviões de hoje



Em pleno ar, o avião pessoal de Santos Dumont e, para Guto Lacaz, seu projeto mais genial